

# O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro

Vívian Meira

Recebido 21, jun. 2006/Aprovado 21, ago. 2006

## Resumo

*Este trabalho apresenta um estudo sobre a variação no uso do modo subjuntivo nas orações relativas e completivas no falar de quatro comunidades rurais afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia. Com o suporte teórico-metodológico da sociolingüística variacionista e o recurso ao pacote de programas VARBRUL para o processamento quantitativo dos dados lingüísticos, analisou-se o encaixamento desse processo variável na estrutura lingüística e social das comunidades de fala estudadas. Do ponto de vista lingüístico, as formas do modo subjuntivo ocorrem com maior frequência em duas situações: (i) uma de base morfológica, em que o uso das formas de subjuntivo se dá tanto com verbos quanto com o tempo em que a oposição subjuntivo versus indicativo é mais saliente; (ii) outra de base semântica, em que o contexto de irrealidade tende a favorecer o uso do modo subjuntivo.*

**Palavras-chave:** sociolingüística; língua portuguesa - subjuntivo; comunidades afro-brasileiras - Bahia.

## Introdução

Neste trabalho, aplicamos a teoria da variação lingüística laboviana, além de nos pautar também na teoria da transmissão lingüística irregular (TLI), como forma de explicar a variação no uso dos modos verbais entre falantes de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, situadas no interior do estado da Bahia. Com efeito, em linhas gerais, consideramos a hipótese de que a variação no uso do subjuntivo nessas comunidades seja resultado do processo de transmissão lingüística irregular, desencadeado pelo massivo contato do português com as línguas africanas, ocorrido nos períodos colonial e imperial. Acreditamos que nessas comunidades, diferentemente do que se observa em pesquisas no português urbano, o subjuntivo vem gradativamente ganhando ambiente antes ocupado apenas pelo indicativo, visto que os antepassados desses falantes devem ter adquirido através do processo de TLI as formas do indicativo, pois este modo, por se referir a eventos reais, tende a ser mais usado na comunicação, podendo ser definido como o modo morfológicamente não marcado. Atualmente, o subjuntivo vem sendo adquirido por estes falantes em decorrência da difusão dos meios de comunicação e de toda a infra-estrutura propiciada pela urbanização de nosso país.

### 1 O fenômeno estudado: o modo subjuntivo

A tradição gramatical apresenta um sistema de modo verbal, cujo emprego se baseia ora em critérios semânticos, ora em critérios sintáticos e formais. De fato, se nos pautarmos na gramática tradicional, observaremos uma miscelânea de regras que norteiam o emprego dos modos verbais, especificamente do subjuntivo.

Esse conjunto de fatores arrolados pela tradição gramatical portuguesa atesta a variação no emprego dos modos verbais, uma vez que apresenta, por exemplo, a anteposição ou posposição do advérbio *talvez* ao verbo como regra de emprego de subjuntivo ou de indicativo, respectivamente, como se o advérbio por si só marcasse a atitude que deveria ser categoricamente expressa pelo verbo, como em:

(i) *Talvez eu compre uma camisa;*

(ii) *Comprarei talvez uma camisa.*

Os modos verbais são também condicionados por regras facultativas cuja aplicação é regulada por fatores intencionais e subjetivos, pois, muitas vezes, cabe à atitude do falante o emprego de determinado modo, mesmo que a estrutura gramatical indique o uso de um modo específico. Por outro lado, verificamos também que a complexidade em estudar a forma verbal se dá

inicialmente a partir do fato de que um mesmo morfema acumula em si as noções de tempo e de modo. Semanticamente são valores distintos, mas são indissociados morfologicamente.

O respaldo teórico apresentado pela gramática tradicional é muitas vezes contraditório com o uso. Tomando como base Santos (2003), achamos conveniente, como primeiro passo, observar o que existe de comum em:

- (i) Quero que você *estude* hoje.
- (ii) Talvez você *estude* hoje.
- (iii) Duvido que você *estude* hoje.

Curiosamente, poderíamos nos perguntar o que permite a mesma forma – *estude* – assumir conteúdos semânticos distintos, como dúvida, vontade, sentimento etc. Levando em conta o que prescreve a tradição gramatical, no que diz respeito ao emprego do subjuntivo, diríamos que tal modo é determinado automaticamente pelo tipo de verbo da oração principal e, assim, deparamo-nos com um “problema” sintático. Por outro lado, assume-se também que o modo verbal é dependente de uma atitude do falante diante de um fato ou de uma proposição enunciada, referindo-se, assim, a uma questão semântico-pragmática.

No entanto, o emprego do subjuntivo não se deve exclusivamente a uma questão sintática ou semântico-pragmática, mas também, e com certa frequência, a expressões de dúvida, a conjunções, a advérbios etc. Daí poderíamos supor que os princípios sintático e semântico-pragmático de emprego do subjuntivo estariam estreitamente relacionados com tais *partículas*. Em outras palavras, uma explicação meramente sintática não abarcaria todas as ocorrências do subjuntivo e, devido a isso, recorre-se a critérios puramente semânticos, que, por sua vez, são insuficientes, não cobrindo todos os aspectos de uso desse modo em português, valendo-se, assim, de definições de *vária* ordem.

É extremamente complexo o estudo da flexão verbal de modo em português, pois, quando observamos, por exemplo, o contexto semântico de emprego do subjuntivo em que o falante opta voluntariamente por impulso expressivo por determinado modo, verificamos que há uma mudança no sentido da frase, portanto, não há variação. Para a teoria variacionista, quando a opção implica uma diferença no valor semântico da oração, ou seja, quando os contextos em que há alternância entre as formas do subjuntivo e do indicativo indicar mudanças semânticas, não há variação, pois os significados são distintos, ao passo que a variação remete ao processo de alternância entre duas formas que, no mesmo contexto, remetem ao mesmo significado.

A análise do uso do modo verbal sob a perspectiva da sociolinguística quantitativa permite-nos demonstrar em que medida o contexto lingüístico condiciona o emprego dos modos, bem como com que freqüência uma camada da estrutura social impulsiona a aplicação do mesmo. Empregamos, para a análise quantitativa dos nossos dados, o pacote de programas VARBRUL.

## 2 Metodologia

Nosso estudo objetiva discutir a variação no uso do modo subjuntivo em português, verificando a freqüência de emprego desse modo em quatro comunidades rurais afro-brasileiras do interior do estado da Bahia: as comunidades de Cinzento, Helvécia, Barra e Bananal e Sapé. Para análise dos dados dessas comunidades, utilizaremos os *corpora* constituídos pelos pesquisadores do *Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*. Serão analisadas 28 entrevistas.

Os informantes foram distribuídos em sexo (masculino e feminino), idade (faixa I: de 20 a 40 anos; faixa II: de 41 a 60 anos; faixa III: de 61 a 80 anos e faixa IV, com mais de 80 anos), escolaridade (analfabeto e semi-analfabeto) e estada fora da comunidade (aqueles que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade e aqueles que se ausentaram da comunidade por um período inferior a seis meses).

A variação no uso do subjuntivo apresenta diferentes graus de intensidade, a depender, não apenas do contexto interno, como também dos fatores sócio-históricos que caracterizam a comunidade pesquisada. Optamos pelo estudo dessas comunidades pelo fato de elas serem constituídas por afro-descendentes, cujo passado está ligado ao contato entre línguas e ao processo de TLI e por apresentarem certo grau de isolamento de outros meios sociais. Segundo nossa hipótese de trabalho, o contato entre a língua portuguesa e as línguas africanas faladas pelos antepassados dos membros que hoje vivem em tais comunidades e a transmissão irregular daquela a estes falantes foram responsáveis por muitas das variações ocorridas no português do Brasil, especialmente em sua variedade rural.

### 2.1 O contexto lingüístico: a variável dependente e as variáveis explanatórias

Delimitamos duas variáveis dependentes para estudo: (i) o uso do modo subjuntivo em orações relativas e (ii) o uso do subjuntivo em orações completivas, com variantes binárias em cada uma delas, presença/ausência da forma do subjuntivo.

### 2.1.1 O emprego do subjuntivo em orações relativas: fatores lingüísticos

As variáveis lingüísticas explanatórias utilizadas para a análise do uso do subjuntivo em orações relativas são as seguintes: (i) tempo do subjuntivo previsto no uso culto; (ii) localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação e (iii) morfologia verbal.

Com as variáveis *tempo do subjuntivo previsto no uso culto e morfologia verbal*, tanto na análise do uso do subjuntivo nas orações relativas quanto nas completivas, procuramos avaliar a atuação do princípio da saliência fônica, isto é, se as formas mais marcadas foneticamente na oposição subjuntivo versus indicativo favorecem o uso do subjuntivo. Isso será válido tanto para a diferença entre as formas do presente e do imperfeito do subjuntivo, quanto com relação à questão da regularidade e irregularidade dos verbos.

Por outro lado, como se trata de comunidades que apresentam um passado marcado pelo contato entre línguas e pelo processo de TLI, esperamos que as marcas do tempo futuro (de verbos regulares) sejam mais recorrentes, visto que estas se assemelham às formas do infinitivo, o que teria facilitado a sua aquisição pelos falantes. Nesse sentido, observe-se que a marca do futuro tende a se assemelhar à do infinitivo, mesmo em verbos irregulares, como em “É aonde nós tamos por aí até o dia que Deus querê” (SubR\_R24).

Com a variável *localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação*, levamos em consideração a hipótese de que uma referencialidade posterior ao momento da enunciação, por se relacionar a eventos irreais e hipotéticos e, portanto, ao valor semântico do subjuntivo, tenda a favorecer o uso desse modo verbal. Destacaremos três localizações temporais do evento: (i) anterior (ii) simultâneo e (iii) posterior ao momento da enunciação.

### 2.1.2 O subjuntivo nas orações completivas: fatores lingüísticos

Os fatores lingüísticos selecionados para a análise dos *corpora* foram os seguintes: (i) tipo da oração em que a completiva está encaixada; (ii) tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada; (iii) avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva; (iv) tempo do subjuntivo previsto no uso culto e (v) morfologia verbal.

Com as variáveis *tipo da oração em que a completiva está encaixada*, *tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada* e *avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva*, procuramos verificar a relação entre o modo subjuntivo e o valor semântico de irrealidade contido na oração

principal, ou seja, se o contexto semântico do evento referido na oração principal tende a favorecer a aquisição das formas de subjuntivo pelos falantes das comunidades de fala analisadas. Assim, esperamos que esse modo verbal tenda a ocorrer em completivas encaixadas em orações que, em linhas gerais, contenham proposições hipotéticas, que estejam sob o domínio da dúvida e da incerteza e, portanto, que estejam associadas ao valor semântico do subjuntivo.

### 3 A análise dos dados

Com relação ao uso do subjuntivo em orações relativas, encontramos, nos 28 inquéritos, um total de 827 ocorrências, das quais selecionamos apenas 162 referentes aos contextos em que é previsto o emprego do subjuntivo de acordo com os padrões normativos. De fato, o número de ocorrências foi reduzido.

Obtivemos um total de 23% de uso de subjuntivo. Pimpão (1999), ao estudar o português urbano, utilizando *corpus* do projeto VARSUL, encontrou, aproximadamente, 82% de uso do subjuntivo nas relativas no tempo presente, ao passo que, em nossos *corpora*, registramos apenas 18% de uso do subjuntivo nesse tempo verbal. Assim, os nossos resultados não estão de acordo com aqueles encontrados em falantes do meio urbano, o que contribui para demonstrar a concorrência de duas gramáticas, uma referente ao português urbano e outra ao português rural, em especial, afro-brasileiro.

Quanto ao uso do subjuntivo em orações completivas, foram encontradas 858 ocorrências. No entanto, quando selecionamos apenas os contextos prescritos como de uso do subjuntivo, foram registradas 80 ocorrências. Nesse contexto, o subjuntivo foi usado apenas em 23 ocorrências, portanto, 29% do total, número bastante reduzido. Por outro lado, Pimpão (1999) encontra o total de 84% de uso do subjuntivo nas completivas, no tempo presente, num *corpus* constituído por 83 ocorrências (70 apresentaram o uso do subjuntivo) e, em nossos *corpora*, registramos apenas 24% de uso do subjuntivo no tempo presente. A disparidade desses resultados ratifica as diferenças entre a gramática do português urbano e a do português afro-brasileiro.

A partir de nossos resultados, acreditamos que, no português afro-brasileiro, o indicativo está perdendo (aos poucos) ambiente para o subjuntivo, pois este modo vem sendo gradativamente adquirido pelos membros dessas comunidades. Na verdade, no processo de TLI, ocorrido durante o contato entre línguas, o modo indicativo, não marcado morfológicamente, deve ter sido mais facilmente adquirido pelos falantes, pois, por se referir a eventos reais, este modo tende a ser mais usado na comunicação do que o subjuntivo. Nesse sentido, com a crescente urbanização de nosso país e todos os benefícios por ela propiciados, é provável que as formas referentes ao modo

subjuntivo tenham sido mais facilmente transmitidas aos falantes do meio urbano; por outro lado, temos a realidade do meio rural, especificamente aquelas comunidades constituídas por afro-brasileiros, que, por muito tempo, se mantiveram isoladas de outros grupos sociais e de todo processo urbanizador, como propõe Lucchesi (2001).

### 3.1 A análise dos dados das orações relativas: o fenômeno sob a perspectiva lingüística

O VARBRUL selecionou com nível de significância .044 três variáveis lingüísticas e uma social. A ordem das variáveis lingüísticas e extralingüísticas selecionadas foi: (i) localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação; (ii) tempo do subjuntivo previsto no uso culto; (iii) morfologia verbal e (iv) estada fora da comunidade.

#### 3.1.1 Localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação

Como podemos ver a partir dos resultados da Tabela 1, o uso do subjuntivo é largamente favorecido quando o evento referido na relativa se localiza em um momento posterior ao momento da ilocução.

Tabela 1 – O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a localização temporal do evento expresso na oração relativa

(Nível de Significância: .044)			
LOCALIZAÇÃO TEMPORAL	nº de oc./ Total	Freq.	P.R.
1. Posterior à ilocução	17/31	61%	.93
2. Simultaneamente à ilocução	09/38	13%	.36
3. Anterior à ilocução	12/66	15%	.37
TOTAL	38/135	28%	

O uso do subjuntivo é desfavorecido quando os eventos referidos são anteriores ou simultâneos ao momento da ilocução, como exemplificados, respectivamente, em "... as comida *que num dava* pá comê, num podia come" (SubR\_C09) e "É difici i(r) assim alguém *que num usa* o chapéu" (SubR\_C01). Isso se ajusta ao valor semântico do subjuntivo, pois este se relaciona a eventos hipotéticos e irrealis, que, por sua vez, abarcam também uma referencialidade posterior ao momento da enunciação. De fato, esse plano do *irrealis* está mais diretamente ligado ao futuro, a momentos posteriores do que ao presente e ao passado; na verdade, os eventos que se situam no futuro são objetivamente irrealis, por maior que seja a certeza do falante em face da sua

realização. Como exemplos da localização posterior ao momento da ilocução, temos: “Quando a gente vai tem em quarqué um das casa *que fô...*” (Cinz., 09).

### 3.1.2 Tempo do subjuntivo previsto no uso culto

O subjuntivo no português afro-brasileiro é mais usado nos contextos em que o uso culto prevê as formas do futuro e do imperfeito, como podemos verificar na Tabela 2.

Tabela 2– O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a forma prevista na norma culta

(Nível de Significância: .044)			
FORMA PREVISTA NO USO CULTO	n.º de oc./Total	Freq.	P.R.
1. Futuro do Subjuntivo	17/31	55%	.78
2. Imperfeito do Subjuntivo	09/38	24%	.46
3. Presente do Subjuntivo	12/66	18%	.38
TOTAL	38/135	28%	

Verificamos que o grande favorecedor do uso das formas do subjuntivo é o futuro, conforme exemplificado em “...tua ex-mullhé pode chegá aqui pa conversá comigo... quarqué uma coisa *que precisá*, eu sô mulé pa empresta” (Sapé, 12), enquanto o imperfeito fica um pouco abaixo da média geral de uso (24% contra 28%, do geral), desfavorecendo ligeiramente o emprego do subjuntivo (p.r. de .46), como exemplificado em “...aí todo *dinhêro que ele pegasse*, ele... de pemêro não, quando tava numa boa mais eu...” (Sapé, 05). O contexto de presente é aquele que mais desfavorece o uso desse modo verbal, como exemplo, temos “...graças a Deus, tem tudo em quarqué lugá *que ‘cê chegue*” (Cinz., 03).

Segundo Mattoso Câmara (1979), não existia no latim vulgar o tempo futuro do subjuntivo, que se originou de formas flexionais volitivas e subjuntivas e, a partir daí, desenvolveu-se um futuro modal, que conduziu às línguas românicas a um futuro temporal. Para Lyons (1979), o caráter modal do tempo futuro, existente desde o latim, atua no futuro temporal das línguas românicas. Pimpão (1999) defende que a noção de futuridade, desencadeada pelo tempo presente, favorece o uso do subjuntivo e não o valor nocional de irrealidade.

A partir dos nossos resultados, registramos que o uso do subjuntivo em comunidades afro-brasileiras é favorecido pelo tempo futuro (55%), com um peso relativo de .78 e não pelo tempo presente (18%). Isso pode ser explicado da seguinte maneira. A idéia de projeção futura desencadeada pelo tempo futuro pode se relacionar com o traço *irrealis*, na medida em que o futuro indica apenas uma suposição, hipótese ou, como afirma

Mattoso Câmara (2002 [1970]), o tempo futuro. Assim como o pretérito mantêm uma oposição em orações que designam uma condição prévia do que será dito, pois um evento futuro sugere que poderá acontecer ou não. Além disso, as formas do futuro em sua grande maioria coincidem com as formas do infinitivo, o que facilitaria a sua aquisição. Já o imperfeito e o presente, que apresentam morfemas exclusivos, seriam mais lentamente incorporados ao uso da comunidade de fala. E, entre esses dois, as formas do imperfeito levariam vantagem por apresentarem um morfema foneticamente mais saliente e regular, o *-sse-* (que possui o padrão silábico CV). Por outro lado, a alternância da vogal temática que marca as formas do presente do subjuntivo seria a de mais difícil aquisição, o que nos leva a crer que a forma de futuro foi facilmente adquirida pelos falantes no processo de TLI, desencadeado pelo contato entre línguas.

Tendo em vista apenas as formas do imperfeito e do presente, esperávamos, tomando como base o princípio da saliência fônica, que aquelas fossem as favorecedoras do uso do subjuntivo, o que pode ser confirmado em nossos resultados, já que encontramos um peso relativo de .46 para o uso das formas do tempo imperfeito e de .38 para o uso do presente. Assim, defendemos que, no processo de aquisição da norma culta, os falantes das comunidades de fala analisadas tendem a usar inicialmente a forma de subjuntivo que se assemelha a outras formas de nossa língua e, em outro sentido, os falantes adquirem as formas de subjuntivo em que o material fônico é mais perceptível, pois nos ambientes em que o material fônico é menos saliente o uso de subjuntivo foi menor.

Acreditamos que essas comunidades adquiriram mais facilmente, no processo de TLI, as formas do tempo futuro por coincidirem com as formas do infinitivo; por outro lado, nos grandes centros, o alto índice de uso da forma do tempo presente pode ser explicado pelo fato de nesses meios haver a difusão do padrão culto através dos meios de comunicação e da escolarização.

Segundo Wherritt (*apud* FARIAS, 2005, p. 50), há duas fases no processo de aquisição das formas de subjuntivo:

- a) uma em que o subjuntivo é adquirido na comunidade por meio do *input*, por exemplo, o aparecimento do futuro do subjuntivo em orações adjetivas, com conectivos como 'se', 'como se', 'quando', 'onde' e depois de palavras que indicam incerteza;
- b) outra que é adquirida por meio da educação formal, em que aparece o uso do subjuntivo nas orações adjetivas (no presente e no pretérito) e em orações substantivas introduzidas por conjunções diferentes das mencionadas acima.

Tomando como base as comunidades de fala analisadas, podemos encaixá-las nessa primeira fase, uma vez que as formas do futuro podem ter sido adquiridas pelo *input* no processo

de TLI. Por outro lado, isso também explicaria o uso do tempo presente pelos falantes do português urbano, uma vez que estes, mesmo que muitos não tenham passado por uma educação formal, mantêm sempre contato com os meios difusores da norma culta.

### 3.1.3 Morfologia verbal

Esperávamos que, por influência do material fonético envolvido na diferença entre a forma do subjuntivo nos verbos regulares e irregulares, fosse mais empregada a marca de subjuntivo nestes. No entanto, os verbos regulares favorecem mais o uso das formas do subjuntivo do que os verbos irregulares, como podemos verificar na Tabela 3:

*Tabela 3 – O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a morfologia flexional do verbo*

		(Nível de Significância: .044)	
FLEXÃO VERBAL	Nº de oc./Total	Freq.	P.R.
1. Regular	14/50	28%	.66
2. Irregular	24/112	21%	.42
TOTAL	38/162	23%	

Essa realidade pode ser explicada da seguinte forma: levando em consideração o fato de que o futuro teve um maior percentual de uso nessas comunidades rurais (55%), com um peso relativo de .78 e de que as formas desse tempo verbal coincidem com as formas do infinitivo, o emprego das marcas de subjuntivo nos verbos regulares também coincide com as marcas de futuro e de infinitivo, o que teria facilitado o processo de aquisição por parte dos falantes. A ocorrência “Mas a criação que ‘ocê... ‘ocê sustentá na mão, ‘cê é obrigado tê a mandioca” (Cinz., 12) é exemplo do uso do subjuntivo em verbos regulares, ao passo que “Se eu topá ôta pessoa *que me dá* assistência e me ajuda é o pai a mesma coisa” (Cinz., 06) exemplifica o não uso desse modo em verbos irregulares.

### 3.1.4 O fenômeno sob a perspectiva social

Com relação à variável *comunidade*, consideramos necessário distinguir entre as quatro comunidades afro-brasileiras (duas que estão mais sujeitas à influência externa e duas cujo contexto era de origem quilombola ou que se registrou vestígios de fala crioulezada) a que apresentava o maior peso relativo no uso do subjuntivo nas relativas. No entanto, este item não foi considerado significativo pelo programa, o que não nos impede de tecer alguns comentários sobre esta variável.

As comunidades de Rio de Contas (Barra e Bananal), devido à estrutura turística propiciada pela região da Chapada

Diamantina, não apresentam uma história de isolamento tão acentuada quanto a comunidade de Cinzento. Como podemos verificar, na Tabela 4, Rio de Contas apresentou o maior índice de uso do subjuntivo, ficando um pouco acima da média geral, ao passo que registramos em Cinzento o menor índice, já que a história dessa comunidade está relacionada com uma origem quilombola, o que a distingue das demais. Em Sapé foi registrado um total de 28% de uso do subjuntivo, o que poderia ser explicado pelas alterações na estrutura social, propiciadas pela difusão dos meios de comunicação. Helvécia está praticamente na média geral de uso do subjuntivo. Observemos a tabela a seguir:

Tabela 4 – O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro em cada comunidade de fala

FORMA PREVISTA NO USO CULTO	Nº de ocorrências/Total	Frequência
1. Rio de Contas	09/29	31%
2. Sapé	08/29	28%
3. Helvécia	09/37	24%
4. Cinzento	12/67	18%
TOTAL	38/162	23%

#### 3.1.4.1 Estada fora da comunidade

Das variáveis sociais, o VARBRUL só selecionou como estatisticamente relevante a *estada fora da comunidade*, confirmando os valores das frequências absolutas, como podemos visualizar na Tabela 5:

Tabela 5 – O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a variável social *estada fora da comunidade* (pelo menos seis meses).

(Nível de Significância: .044)			
ESTADA FORA DA COMUNIDADE	Nº de oc./Total	Freq.	P.R.
1. Não	28/92	30%	.69
2. Sim	10/70	14%	.26
TOTAL	38/162	23%	

Esses resultados contrariam a expectativa, pois aqueles que não saíram da comunidade usam mais o subjuntivo do que aqueles que já viveram fora da comunidade. Entretanto, devemos salientar que, com um número de ocorrências tão baixo como o que se obteve nos *corpora* analisados, dificilmente poderíamos chegar a resultados confiáveis no plano das variáveis sociais.

### 3.2 A análise dos dados das completivas: as variáveis lingüísticas

Registramos apenas 80 orações de contextos variáveis de uso do subjuntivo em orações completivas. A base de dados restante ficou bastante reduzida, não possibilitando a obtenção de resultados consistentes no nível da análise probabilística do Programa das Regras Variáveis - VARBRUL. Por isso, os resultados apresentados serão baseados apenas na frequência relativa expressa nos resultados percentuais.

#### 3.2.1 Tipo da oração em que a completiva está encaixada

Com essa variável, amalgamamos os fatores, reunindo-os em apenas três: afirmativo, negativo e a junção entre os fatores condicional e oração com verbo modal. Esperávamos com essa variável verificar se o contexto semântico do evento referido na oração principal tende a influenciar a aquisição das formas de subjuntivo pelos falantes das comunidades de fala analisadas, pois predicções hipotéticas e não factivas estão mais associadas ao valor *irrealis*, que, por sua vez, está relacionado ao modo subjuntivo. Levando em conta o fato de a oração condicional estar impreterivelmente associada a hipóteses e eventos duvidosos, nossa expectativa era a de que os falantes tendessem a fazer uso do subjuntivo quando a oração principal apresentasse uma condição hipotética sobre um evento. Além disso, temos também as negativas que modificam a modalidade de predicação, pois um evento tido como possível quando negado passa ao seu contraditório. Por outro lado, as orações afirmativas parecem estar mais relacionadas a eventos reais, o que poderia contribuir para desfavorecer o uso das formas do subjuntivo. Os resultados são apresentados na tabela a seguir e confirmam a relação do modo subjuntivo com o valor semântico de irreabilidade:

*Tabela 6 – O uso do subjuntivo nas orações completivas no português afro-brasileiro segundo o tipo de oração em que a completiva está encaixada*

TIPO DE ORAÇÃO	n.º de ocorrências/Total	Frequência
1. Condicional	03/07	43%
2. Negativa	06/18	33%
3. Afirmativa	14/55	25%
TOTAL	23/80	29%

Observamos que quando está dependente de uma oração condicional ou de uma oração negativa (cf. exemplo “se você *num* quisesse que ela *fosse*, você ficava quieto, num mandava ela arrumá” (Sapé, 01), com respectivamente 43% e 33% de uso do subjuntivo, a completiva favorece mais o uso do subjuntivo do que quando está subordinada a uma oração afirmativa (cf.

exemplo “...e se ela vem na nova, ...a gente *espera* qu’ela *vem* naquele mesmo... naquela mesma base, né, é por isso qu’a gente tá visano, né?” (Cinz., 06).

### 3.2.2 Tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada

Tendo em vista o fato de que o subjuntivo se relaciona com o valor semântico de irrealidade, esperávamos que os contextos semânticos de desejo, sentimento, pedido e ordem propiciados respectivamente pelos verbos *volitivos*, *avaliativos*, *inquiritivos* e *causativos* condicionassem o uso das formas do modo subjuntivo, uma vez que nestes o fato expresso pela oração principal está associado a eventos irrealis ou duvidosos. Por outro lado, verbos *cognitivos*, por se relacionar a eventos em que o falante tenha de se posicionar a respeito de um fato e daí tendem a acreditar em seu posicionamento, terminam selecionando o modo indicativo, que, por sua vez, está associado a valores certos e reais.

As ocorrências dos verbos declarativos e perceptivos foram descartadas por se tratar de contextos categóricos de uso do indicativo nas comunidades de fala analisadas. Por outro lado, as ocorrências de verbos *volitivos*, *avaliativos* e *inquiritivos* foram reunidas em um mesmo fator em função do seu baixo número de ocorrência. Feitos esses ajustes, os resultados desse grupo de fatores são apresentados na seguinte tabela:

Tabela 7 – O uso do subjuntivo nas orações completivas no português afro-brasileiro segundo o tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada

TIPO DO VERBO	nº de ocorrências/Total	Frequência
1. Volitivos, Avaliativos e Inquiritivos	10/23	43%
2. Causativos	07/18	39%
3. Cognitivos	03/32	09%
TOTAL	23/80	29%

Como podemos notar, o uso do subjuntivo é favorecido quando a completiva é subcategorizada por verbos volitivos, avaliativos (cf. exemplo “Quem sabe? Eles num gostam que ande entramo no mato pa caçá não?” (Sapé, 04), inquiritivos (43%) e causativos (39%), como exemplificado em “Aí ele rezô ela e mandô que fosse po hospital, que essa menina tava muito ruim” (RC, 13), sendo desfavorecido quando a completiva está subordinada aos verbos cognitivos – conforme exemplo “Aí ela pensava que era brincadêra, né?” (Sapé, 01), com os quais registramos apenas 09% de uso do subjuntivo.

Mais uma vez a relação do uso do subjuntivo em proposições com o traço semântico [-realis] foi ratificada, em função do seu menor uso com verbos do tipo *pensar*, *crer*, *achar* em que o nível de incerteza do falante em relação à proposição expressa

na oração completiva é menor do que quando essa oração está ligada a verbos do tipo *gostar, querer, perguntar* etc., que tendem a subcategorizar mais proposições com um maior grau de incerteza, ou mesmo irrealidade.

Com relação ao português urbano, apesar de o grupo relacionado à natureza semântica da forma verbal não ter sido selecionado como estatisticamente significativo pelo VARBRUL, Pimpão (1999) encontrou, em seus dados, ocorrências de uso do subjuntivo em completivas selecionadas por verbos cognitivos, afirmando que esse tipo de contexto instaura o escopo da baixa certeza e assim assinala “[...] o não comprometimento do falante com que é dito. Estratégias lingüísticas dessa natureza codificam a fraca proximidade do falante com o conteúdo proposicional” (PIMPÃO, 1999, p. 92).

### 3.2.3 Tempo do subjuntivo previsto no uso culto

A partir da variável *tempo do subjuntivo previsto no uso culto*, tínhamos em vista verificar se o material fonético envolvido na diferença entre a forma do imperfeito e a do presente do subjuntivo na oposição subjuntivo/indicativo contribuiria para a aquisição da norma culta pelos falantes das comunidades analisadas. Nossa expectativa era a de que a forma mais perceptível (a do imperfeito) favorecesse o uso das formas do subjuntivo.

Nas comunidades de fala analisadas, o subjuntivo é mais usado nos contextos do imperfeito do que nos contextos de presente, como podemos observar na seguinte tabela:

*Tabela 8 – O uso do subjuntivo nas orações completivas no português afro-brasileiro segundo o tempo do subjuntivo previsto no uso culto*

CONTEXTO DE USO	nº de ocorrências/Total	Frequência
1. Contexto de Imperfeito do Subjuntivo	11/33	33%
2. Contexto de Presente do Subjuntivo	11/45	24%
TOTAL	22/78	28%

Confirmamos a aplicação do princípio da saliência fônica, visto que a alta frequência de uso do subjuntivo nos contextos de imperfeito (cf. explicitado em “Eu queria que estudasse, eu tinha dois menino... os dois menó tá estudano (Sapé, 05) se deve à maior força morfofonológica desse tempo verbal; na verdade, o morfema do imperfeito -sse- apresenta um padrão CV mais consistente em termos de seu material fonético do que a alternância vocálica que indica o presente do subjuntivo (cf. exemplo “Tá difícil... e essas aí, eles num qué que tire não...” (Hel., 07)

### 3.2.4 Avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva

Esperávamos verificar, com essa variável, que contextos semânticos poderiam em maior intensidade influenciar o uso do subjuntivo. A nossa expectativa era a de que as formas de subjuntivo fossem mais recorrentes nos contextos de irrealidade, visto que há tradicionalmente uma associação entre este contexto e o modo subjuntivo.

A fim de avaliarmos o grau de variação no uso do subjuntivo em função desta variável, foram retiradas as ocorrências de eventos efetivamente *ocorridos* e *pressupostos*, porque se mostraram contextos de uso categórico do indicativo. A Tabela 9 apresenta os resultados obtidos na quantificação dos dados.

Tabela 9 – O uso do subjuntivo no português afro-brasileiro de acordo com a variável nível de realidade do evento referido na oração completiva

NÍVEL DE REALIDADE DO EVENTO	nº de ocorrências/Total	Frequência
1. Irreal	08/23	35%
2. Hipotético	07/26	27%
3. (In)desejado	08/30	27%
TOTAL	23/79	29%

Como exemplo de ocorrência de fato considerado irreal, temos 1a.; 1b., de fato hipotético; e 1c., de fato (in)desejado:

1a. Eu tive lá nove dia, fiz um exame, a médica *num queria que eu viesse*. Eu falei: não, neném, eu preciso ir embora, minha fía... tem a casa, tem as criação, num tem quem cuide, antonce eu preciso ir embora (RC, 24).

1b. Tá bonito... cemitéro era como daí pra lá, pro dentro des-ses eucalipe. Ieu...Ieu fui lá quando tava pequeno 'inda. Até... pode sê que eu vô quand'eu tivé...quand'eu morrê, [às vez] vô contente, porque a tera de nós verdadêra é esse lá (Hel., 13).

1c...e se ela vem na nova, ...a gente espera qu'ela vem naquele mesmo...né? (Cinz., 06).

O contexto de irrealidade pode ser considerado um fator favorável ao uso desse modo verbal. Assim, a forma de subjuntivo nas comunidades de fala analisadas é também condicionada por um parâmetro semântico. Observamos que as formas de subjuntivo, nos contextos marcados pelo traço de irrealidade, vem ganhando ambiente junto ao modo indicativo. Observe que os valores hipotético e (in)desejado apresentam uma percentagem (27%) abaixo da média geral (29%) de uso do subjuntivo e que o fator *irreal* apresenta apenas 35% de uso do subjuntivo, percentagem reduzida quando comparado com o uso desse modo verbal no português urbano.

Tendo isso em vista, podemos citar a teoria da transparência semântica, segundo a qual a reestruturação da gramática por parte de falantes de línguas *pidgins* e crioulas tem como base estruturas cognitivas, semânticas e não apenas gramaticais. Nesse sentido, a estrutura semântica, por ser mais universal, transparente e menos marcada, tende a ser mais fácil de ser aprendida do que as estruturas de superfície. Na verdade, tais falantes fazem uso de variados meios expressivos com o intuito de se comunicarem. Daí podermos entender o porquê de nestas comunidades haver uma associação entre o subjuntivo e o valor *irrealis* e, assim, a reestruturação da gramática se dá também a partir da estrutura semântica, indo ao encontro do padrão da língua alvo. Em outras palavras, as estruturas semânticas universais tendem a influenciar a aquisição e o uso das formas de subjuntivo nessas comunidades.

### 3.2.5 Morfologia do verbo da oração completiva

A variável *morfologia do verbo da oração completiva* diz respeito à diferença de material fônico nas formas dos verbos regulares e irregulares no uso do modo subjuntivo. A tabela a seguir apresenta os resultados dessa variável:

*Tabela 10 – Uso do subjuntivo no português afro-brasileiro segundo a morfologia do verbo da oração completiva*

TIPO MORFOLÓGICO DO VERBO	n.º de ocorrências/Total	Freqüência
1. Irregular	15/49	31%
2. Regular	08/30	27%
TOTAL	23/79	29%

A partir dos resultados, verificamos que nos verbos irregulares, que apresentam alto nível de saliência na oposição subjuntivo *versus* indicativo, a freqüência de uso do subjuntivo é maior, 31%, conforme exemplo “Norberto mandô dizê o senhô, meu compade, que o senhô me *desse* cinqüenta mil... pra minha viagem!” (Hel., 20), do que nos verbos regulares, que apresentam um nível baixo de saliência fônica na oposição subjuntivo-indicativo, demonstrando apenas 27% de uso do subjuntivo, abaixo da média geral, como em “E aí num qué que ela *mora* má... má o marido dela” (Sapé, 05).

### 3.2.6 As variáveis sociais

Com o baixo número de ocorrências dos *corpora*, decorrente da reduzida faixa de variação encontrada, não obtivemos resultados consistentes no plano do encaixamento social da variável analisada. Nenhuma variável social, portanto, foi selecionada pelo Programa VARBRUL.

### Considerações finais

Para compreendermos o português do Brasil, é necessário conhecer a história tanto do português urbano, quanto do português rural, observando a origem e a constituição dessas realidades lingüísticas. Temos os negros e seus descendentes como um dos agentes na difusão do PPB, em partes do território brasileiro. Os negros adquiriram o português de forma irregular, sem auxílio de meios normatizadores, produzindo uma variedade da língua portuguesa marcada pela redução na morfologia flexional do verbo. Em decorrência da urbanização e da difusão dos meios de comunicação, as comunidades rurais, especificamente as afro-brasileiras, passaram por um processo de mudança em direção à aquisição das formas de subjuntivo.

Diante do exposto, identificamos, em nossa análise variacionista dos padrões de comportamento lingüístico das comunidades afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia, que a aquisição do subjuntivo por falantes de comunidades constituídas por afro-descendentes desencadeia-se, do ponto de vista lingüístico, a partir de dois fatores: (i) um de base morfológica, em que a forma mais saliente, em termos morfofonológicos (tanto os verbos quanto os tempos), favorece a implementação das formas do subjuntivo; (ii) outro fator semântico: as formas do subjuntivo começam a ser empregadas nas referências a eventos claramente irrealis. Na verdade, partindo da idéia de que, na oposição entre indicativo e subjuntivo, este estaria associado ao traço semântico *irrealis* e aquele ao traço *realis*, acreditamos que o princípio da transparência semântica pode explicar o incremento das formas do subjuntivo, a partir do momento em que o falante percebe uma oposição entre um modo relacionado com o *realis* e outro associado ao *irrealis*, passando a dispor de diferentes meios expressivos para efetivar a comunicação. Sendo assim, nas comunidades afro-brasileiras analisadas, a aquisição do subjuntivo tem, *a priori*, base tanto morfológica quanto semântica.

### Abstract

*This work presents a study of the variation of the usage of subjunctive mood in relative and completive clauses on the speaking of four black rural Brazilian communities at the countryside of Bahia. Based on the theoretical and methodological framework of the Sociolinguistics of varieties and by means of VARBRUL software-set for the quantitative processing of the linguistic data, this work analyzed the adequacy of that variable process in the social and linguistic structure of the speaking communities. From the linguistic point-of-view, the subjunctive-mood forms occur more widely in two situations: (1) one of a morphological component, in which subjunctive forms are compatible with both verbs and with time when subjunctive X indicative opposition is more prominent; (2) the other of semantic component, in which the context of unreality tends towards a wider usage of subjunctive mood.*

**Keywords:** sociolinguistics, Portuguese language – subjunctive mood; black Brazilian communities – Bahia.

### Referências

- FARIAS, Rosemeire L. da Silva. *A oposição indicativo/subjuntivo e o uso das conjunções 'mas' e 'embora' em textos de alunos da Educação Básica*. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2005.
- LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português brasileiro: contexto lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- LUCCHESI, Dante. As Duas Grandes Vertentes da História Sociolingüística do Brasil (1500-2000). *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-130, 2001.
- LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel, rev. e superv. de Issac N. Salum. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

PIMPÃO, Tatiana S. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

SANTOS, Maria Joana de Almeida Vieira dos. *Os usos do conjuntivo em Língua Portuguesa: uma proposta de análise sintáctica e semântico-pragmática*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.